

somos nós



gabriel agosto

somos nós
gabriel augusto

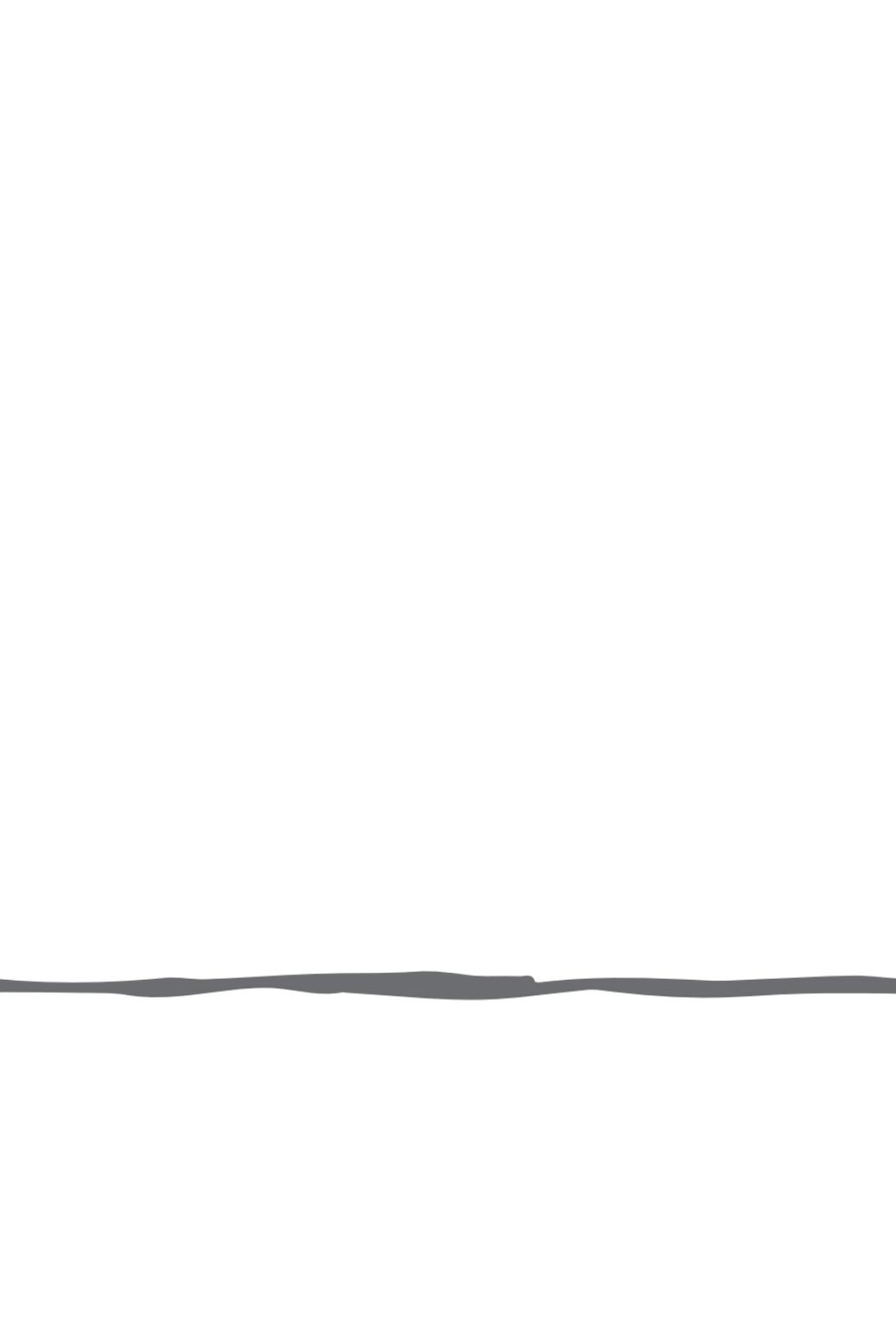




*Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.*

Ricardo Reis





este livro é dedicado a Reginaldo Poeta Gomes, hoje luz...



Copyright © 2017 GABRIEL AUGUSTO

todos os direitos estão liberados para a reprodução não comercial, qualquer parte dessa obra pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc, desde que não tenha objetivo comercial e seja citada a fonte (autor).

• • •

projeto gráfico e editoração
Gabriel Augusto e Luciana Nobre

capa e ilustrações
Luciana Nobre

edição
Marcus Mazieri

revisão
Amanda Lacerda

realização
Contém Poesia

patrocínio
Programa VAI e Sec. Municipal de Cultura de São Paulo

ISBN: 978-85-922414-0-7

• • •

1ª edição
2017

Nota do Autor	9
Prefácio	11
1ª Parte: O MUNDO	17
2ª Parte: O HOMEM	45
3ª Parte: O MENINO	65
4ª Parte: ()	85
Agradecimentos	89







Nota do Autor

De 2014 à 2016 fiz a performance *Contém Poesia* nas ruas em São Paulo e outras cidades. Se consistia em me colocar em locais públicos com uma máquina de escrever e convidar as pessoas para compormos um poema, juntos. Esse livro nasceu a partir desses encontros e abraços que marcaram profundamente minha vida.

Prefácio
por Marcus Mazieri

Pela fraca memória da infância, torna-se difícil responder: o primeiro estado de consciência é em relação ao mundo, ao outro ou a si mesmo? Fato é que passamos (ou vamos passar) por esses três momentos para construir este objeto animado insano chamado eu. O sujeito se revela na relação. O bebê vai descobrindo sua capacidade de percepção pelos sentidos, e se assombra em cada nova descoberta de tato, paladar, olfato, visão e audição. Sem contar, para evitar cair em mares tempestuosos, no sexto, sétimo ou oitavo sentido. Os períodos de consciência dançam na música da impermanência: a consciência do mundo e dos outros, a consciência do eu em relação ao outro e a consciência do eu enquanto sujeito transcendente de si mesmo (na linguagem mística: a libertação das ilusões do ego).

Uma divisão como essa é vista no Zaratustra de Nietzsche: o camelo (momento de carregar as visões dos outros), o leão (momento de rugir para se autoafirmar e se libertar da imposição alheia) e a criança (momento de se libertar, inclusive do conflito, alcançando a espontaneidade e inocência do viver autêntico). Tem a ver também com as três grandes perguntas da filosofia que guiam as possibilidades de ação no mundo: Como? (pergunta da política) O que? (pergunta da ciência) Quem? (pergunta da religiosidade). Enfim: o externo, o interno e o transcendente. Desta maneira, o mundo é externo, o outro é interno e o eu é transcendente. O inferno são os outros, os outros são você, você é a chama que alimenta o desejo de viver do mundo. E por aí vai.

Colocados em um planeta caótico, tal qual um personagem de RPG que surge num mapa repleto de perigos e seres bem pontuados, tateamos a existência em busca de respostas. Mas o poeta, quando se descobre, percebe que o mistério é seu alimento maior. E começa uma busca sem intuito de encontro. Aqui, neste “somos nós”, Gabriel Augusto se permite atravessar por mundo, homem, menino e (), traçando um mapa que é, ao mesmo tempo, uma rota para a vida e para a própria criação poética, ambas trazendo em si a necessária e inevitável transformação do ser pelo próprio ser. Um artesanato ontológico.

*entre o salto
e a queda
o voo é livre.*

O trajeto MUNDO > HOMEM > MENINO > () é um desenvolvimento de visão: olhar para fora, olhar para a fronteira e olhar para dentro. O poeta-narrador deste livro é um sujeito que percebe o mundo (o outro), para depois perceber a si mesmo e, finalmente, perceber o transcendente e “as coisas como realmente são”. No caminho do Zen, dizem os mestres, você começa vendo as montanhas como montanhas, depois as montanhas passam a ser outra coisa, além. Mas continuando no caminho, as montanhas voltam a ser só montanhas. É um ciclo que quando volta no mesmo lugar carrega uma qualidade especial que o torna uma escada para o infinito. Um pouco como a escada de São João Clímaco. Um alcançar o céu que é aqui e agora.

Gabriel Augusto percorre, pela poesia, o caminho de uma vida. Narra o que vê e, como bom lírico, pinta o visto com seus próprios sentimentos. Se percebe num mundo defasado de sentido e tenta, juntando peças aparentemente sem encaixe, criar um quadro possível de contemplar. Até que a contemplação se torne o próprio sentido. Vendo as lágrimas coloridas dos olhos brilhantes de uma velha, uma agulha de rendeira reger uma orquestra de silêncios, uma viatura tomando banho de mar, um mecânico batucando Noel Rosa no fundo de uma caneca, um cachorrinho urinando na capa do jornal do dia, uma multidão de homens sem braços atravessando a nado a Lagoa Rodrigo de Freitas, ele busca desvelar a si mesmo e ao leitor “o sentido das causas”.

*vivo
a verdade que invento
ou
me rendo a mentiras
de realidade atroz*

A busca se reconhece como tal. Procuram-se experiências diversas que colocam à prova o sentido do eu. No outro corpo tentamos encontrar o nosso próprio. E assim se revelam para nós, como uma chuva forte e repentina de verão, esses sentimentos que foram diminuídos nas palavras angústia, felicidade e amor. Encontra-se o toque, o abraço, o beijo na estação. O ato, o fato, o tato e o contato. Descobre-se a perda. E então sentimos aquilo que é sinal da tomada de consciência do eu: o cansaço. Diante dele, o poeta

vai à guerra: escreve. O eu lírico é uma tentativa de descanso.

Este eu que compartilha seu olhar em poemas, revela-se, desnuda-se até chegar naquele miolo frágil em que todos nos reconhecemos como semelhantes. No olhar do poeta nos *re-conhecemos* como aquele que também olha. E retomamos aquilo que a vida comum faz questão de encobrir: o assombro. Na tentativa de organizar as manifestações múltiplas da existência através do eu que percebe, o poeta assume: “viver não sei”. A realidade parece um amorfo absurdo, um nada. Mas ele segue, não desiste, continua de olhar atento e elege o mínimo como fundamental.

*bebo um gole
de pequenas coisas
diante
a amplidão
do nada.*

A estratégia é se apegar ao pequeno. Na trajetória de vida-poesia, Gabriel sai do grande do mundo para o pequeno do menino. A caixa de brinquedos é aberta, não no sentido nostálgico de voltar para as memórias da infância, mas como uma reconquista da maneira poética de olhar para as coisas. O leão amansa para se tornar criança. Num buraco pequenininho bem no meio do peito se revela o menino perdido. A fragilidade é percebida como suprema força, dando início a experiência do sutil. A percepção da respiração guia o contato de volta à essência. As crianças dançam nuas, nas águas geladas

do rio. Mas ver passa a não bastar. É necessário tornar-se a própria experiência e o poeta, entre memórias e revivências, reencontra o prazer das descobertas e se reconhece como finito. De tanto olhar, torna-se. O poeta é visto no que vê. Se torna a rocha em que os casais apaixonados fazem piquenique. O jogo da impermanência é revelado. Não como angústia, mas como ().

Isso tudo porque a poesia é exercício de si. Não do eu que compra, consome, opina e constrói um castelo (de areia) em torno de si, mas do eu que investe em seus próprios poros até virarem fissuras por onde escorrem a existência. Escrever se torna o ato único, inevitável e fundamental, a criação criando a si mesma. E ler, o mesmo processo repetido, a recriação recriando a si mesma. A consciência é descoberta em pleno fluxo, na arrasadora experiência do sentir. O mundo, o outro, o eu e sua própria transcendência se fundem num minério translúcido e vistoso. A poesia é um dos caminhos possíveis para se ligar, com linha ou cola *pritt*, as consciências num único ser: aquele que observa.

•••







1ª Parte: O MUNDO



coma grandão,
coma.
coma os feijões das safras magras.
coma tudo.
e se prepare
que as ondas do pingo no espelho d'água
chegarão até ti,
e arrebentarão com força.
coma grandão,
coma.

tudo estava tão esquisito
chovia de baixo pra cima
ventava de frente pra trás
crianças choravam pra dentro
e ninguém entendia mais nada.

em terra de ninguém
cantos aquém
o povo diz amém?

acorda, se veste, toma os remédios, olha a rua e nada.
acorda, se veste, toma os remédios, olha a rua e nada.
acorda, toma os remédios, olha a rua e nada.
acorda, se veste, olha a rua e nada.
acorda, olha a rua e nada.
acorda e olha a rua.
acorda e toma os remédios.
acorda e nada.
acorda.
acorda e grita.
acorda, grita e mostra os peitos na janela.
acorda, grita, mostra os peitos na janela e cospe a
[dentadura na rua.
acorda, se veste, toma os remédios, olha a rua e nada.
não acorda.

nunca disse nada
de quase nada.

foi sem nunca ter ido.

com excessiva saliva
o falador
hidratava as escamas dos olhos.

construiu todo um
império
de castelos de areia.

a orquestra de varapaus
tocou
a sinfonia dos sons sem ritmos.

era o melhor
que tinham para oferecer.

o tremor das lâmpadas frias
cantava cantigas de roda.

a velha de três cabeças,
que se arrastou aos 86,
ainda
lustra a prataria.

furou os olhos
para não mais ouvir
o lamento
das flores pisoteadas
em conflitos de fim de tarde.

à luz dos ventos fortes
dançavam palmeiras finas,
em uníssonos.

flúidos de corpos ancestrais
se trocavam
em línguas distintas.

conversaram por dias.

a cada cem ondas
que atingem a rocha
uma
 acaricia.

e a estória era escrita
pelas ranhuras
das mãos que sovam o pão.

buscavam impermanências
nos potes vistosos
da prateleira em que nada há.

transformaram o jardim em
mercado das flores.

o menino,
que buscava leite no meio da rua,
replantava escondido
flores caídas de buquês.

idosas choraram
quando morreu atravessado.

crianças de olhos vendados
mergulhavam de ponta
na poça morna da praça do centro,
ao passo que diziam
lá dentro
haver mariscos que davam leite.

flores brancas de trepadeiras
bateram
na janela do oitavo andar.

ontem vi
uma multidão de homens sem braços
atravessando a nado
a Lagoa Rodrigo de Freitas.

o pé de abóbora
escalou o muro.

a galinha
assumiu o poleiro
e cantou bravamente.

crianças já não sentem
medo de polícia.

o cachorrinho
urinou
na capa do jornal do dia.

a samambaia
de apartamento
invejou o cacto
que nasceu na areia
cresceu sozinho
sem lamento
e deu a flor mais bonita.

os peixes mais bonitos
habitam
mares tempestuosos.
de uma ferida
saiu pérolas nobres.

as curvas que o vento dava
desenhavam
o sentido das coisas.

a velha senhora,
incansavelmente,
plantava feijões
na busca do espaço entre.

flores artificiais
eram o que segurava
a estrutura.

pássaros equilibristas
que cantavam cantigas de morte
debandaram
ao som do tiro.
o cão que corria atrás das rodas
morreu de sede
e fadiga.

hoje vi
uma viatura tomando banho de mar.

tarde atípica
na república dos dedos,
a máquina de digitar senhas enguiçou
no caixa oito.

a bagunça foi geral.

corre xinga corre bate xinga bate
a língua de sinais foi resgatada
empilhadeiras giravam em círculos
numa dança bem esquisita.
ninguém encontrava o mecânico de plantão.

só depois de muito tempo
o encontraram
no depósito central de meias
batucando Noel Rosa no fundo de uma caneca.

multidões de crianças
se rebelaram
e plantaram orquídeas
no meio da rua.

peessoas
se despem.

a fonte da praça
começou
a jorrar cores quentes.

a velha senhora
abriu
um riso.

a velha senhora
de olhos brilhantes
chorava
lágrimas coloridas.
dizem que
ouvia o canto do silêncio
na ranhura das folhas.
seus pés,
mal tocavam o chão.

a agulha da rendeira
rege
uma orquestra de silêncios.

as ervas da benzedeira
pintam
um quadro de cores sensíveis.

entre tramas e abraços
escrevo
por entrelaços.

perguntava ao mar
de gente
onde ficava a raiz das pedras.

queria saber
o sentido das causas.





2ª Parte: O HOMEM



culpa,
desculpe-me
culpá-la.

ser-centro é seco.

bebo um gole
de pequenas coisas
diante
da amplidão
do nada.

luz a pino
não permite
o dançar das sombras.

viver não sei
saber não sinto.

o que há de ser
se nada que foi
é.

triste
sigo.

vestiu sua melhor roupa
e gastou todo seu discurso
em frente ao espelho.

buscou abraço
na trava das horas
da cidade
em pranto.

a não fronteira da rosa
cobrava ingresso.

enquanto espero,
rabisco um sonho

sonho assoprado
por lábios
de bocas sem voz

vivo
a verdade que invento
ou
me rendo a mentiras
de realidade atroz

sonhos
de bocas sem voz.

mergulhei na rachadura
de um azulejo antigo.

o cântico do amor
soava de um copo quebrado
enquanto lençóis brancos,
presos ao varal,
dançavam sob a luz quente.

a plateia aplaude
estarecida.

dentre deformidades
me apago a fés
me apego aos pés
me atiro ao chão.

entre o salto
e a queda
o voo é livre.

percebeu que seus volteios
só matam a fome
de quem tem o que comer.

turista
em seu próprio berço.

toda itinerância
há de ser
interrompida
diante de seus olhos fatos
regados de vento sul.

o frio
oprime o ato
que reprime
o tato
que dificulta
o fato

o frio
chama contato

beijamo-nos na estação.

ela
todos os ouvidos
eu,
falo.

onde amais,
ao menos
há mais
amores amenos.

alimento periodicamente
as raízes dos pés da cama.
tipo histórias de joão.
espero árvore grande
que me leve
daqui para outra melhor.

o diário de cabeceira
se arrasta pelo chão do quarto
l e n t a m e n t e . . .

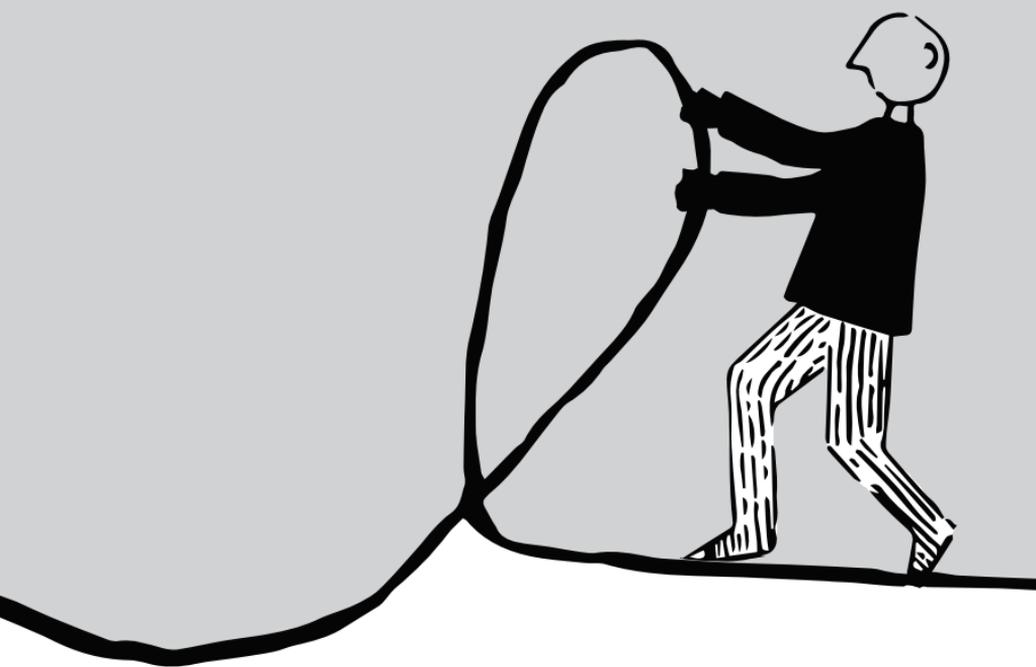
hoje pela manhã
descobri um buraco
pequenininho
bem no meio do meu peito.
lá dentro,
dava para ver o menino
perdido
numa terra seca de afeto e fato
tropeçando em concordâncias
das gotas grossas de chuva cheia
em meio a orações sem vírgulas.

deu pena,
tapei o buraco com um torrão
de açúcar
e chorei.

na espera da resposta
do salto entre os dois olhares
do espaço entre o calo e a sola
da queda entre o cuspe e o chão
a lágrima gorda manchou
de leve
a tinta azul no papel.

e na primeira vez
sorriu
quando as crianças pularam
completamente nuas
nas águas geladas do rio
e dançaram.





3ª Parte: O MENINO



a caixa de brinquedos
foi destampada
por uma rajada de tempo.
bumerangues feitos à mão
foram
e já não voltam mais.
a fonte no meio da praça
jorrou tão alto
que romperam-lhe as cordas vocais.

descalço.

todo o universo
no amontoado de terra
embaixo da unha.

na terra dos importantes
trocava-se abraços de urso
por sorrisos amarelados.

o menino em silêncio
guardava todos os gritos que não saíam
em vidrinhos de não
sentidos.

o menino hasteou a bandeira errada
no dia cívico,
as professoras estupefatas
travaram
de vergonha, nada disseram.
inocentes,
as demais crianças adoraram o equívoco
e saíram batendo
continências
a gatos, pombos e jardins.

dizem hoje em dia
que foi de propósito.

e o menino
cavou um buraco enorme bem
no meio do nada
na busca da existência.

os adultos
sempre aos tropeções
caíam desnorteados,
mal sabendo o que faziam.

dizem que uns dois ou três
somente
se encontraram lá dentro.

e o menino
plantou o retrato de bolso
na sombra do pé de afetos.

sonhava em árvore grande
que desse para trepar bem alto
e espiar o nascer dos fatos.

o barulho do roçar das folhas
compunha
a canção dos abraços.

a saudade dos tempos verdes
tornavam
certezas fúteis.

o menino,
dançava junto
à fumaça do bule.

o fio de fumaça saía
dançante
do bule de cobre.
o sopro do vento falho
trepidava
a janela das dores.

o menino observava
a calma do andar felino.

a outra margem
lá
é tão bonita tão vistosa
que o menino
cá
sempre lamenta por ainda não saber nadar.

multidões em desalinho
não enxergavam
um palmo à frente.

de sorrir,
o menino virou luz
na fila do pão.

e o menino
contava sonhos à sombra
que a cerca dava.

combinavam
decifrar o cálculo
de dividir o sol de forma justa.

sabia de cor e salteado
a poesia
do ranger das portas,
só não entendia mesmo o
porquê que a ordem das árvores
alterava
o canto do passarinho.

planejava
roubar os ponteiros
dos relógios da casa.

e o menino tão distante
tanto sonhava em provar o fruto
daquela árvore,
que passou a anotá-los em seu caderninho.

vô, o que é poesia?

•••

poesia...
é quando
mesmo com céu de tempestade
os curiosos
em bando
não param de cantar.

•••

poesia...
é quando aquele besouro
rola-bosta,
está em pleno ato que lhe dá nome.

•••

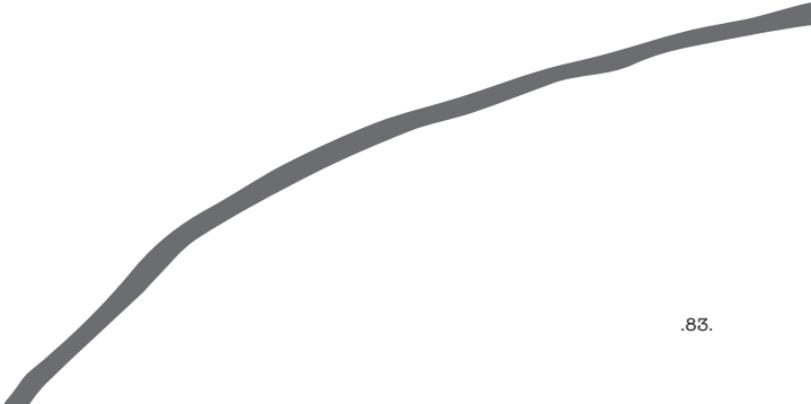
poesia...
é quando aquele grilinho verde,
o louva-deus,
blasfema.

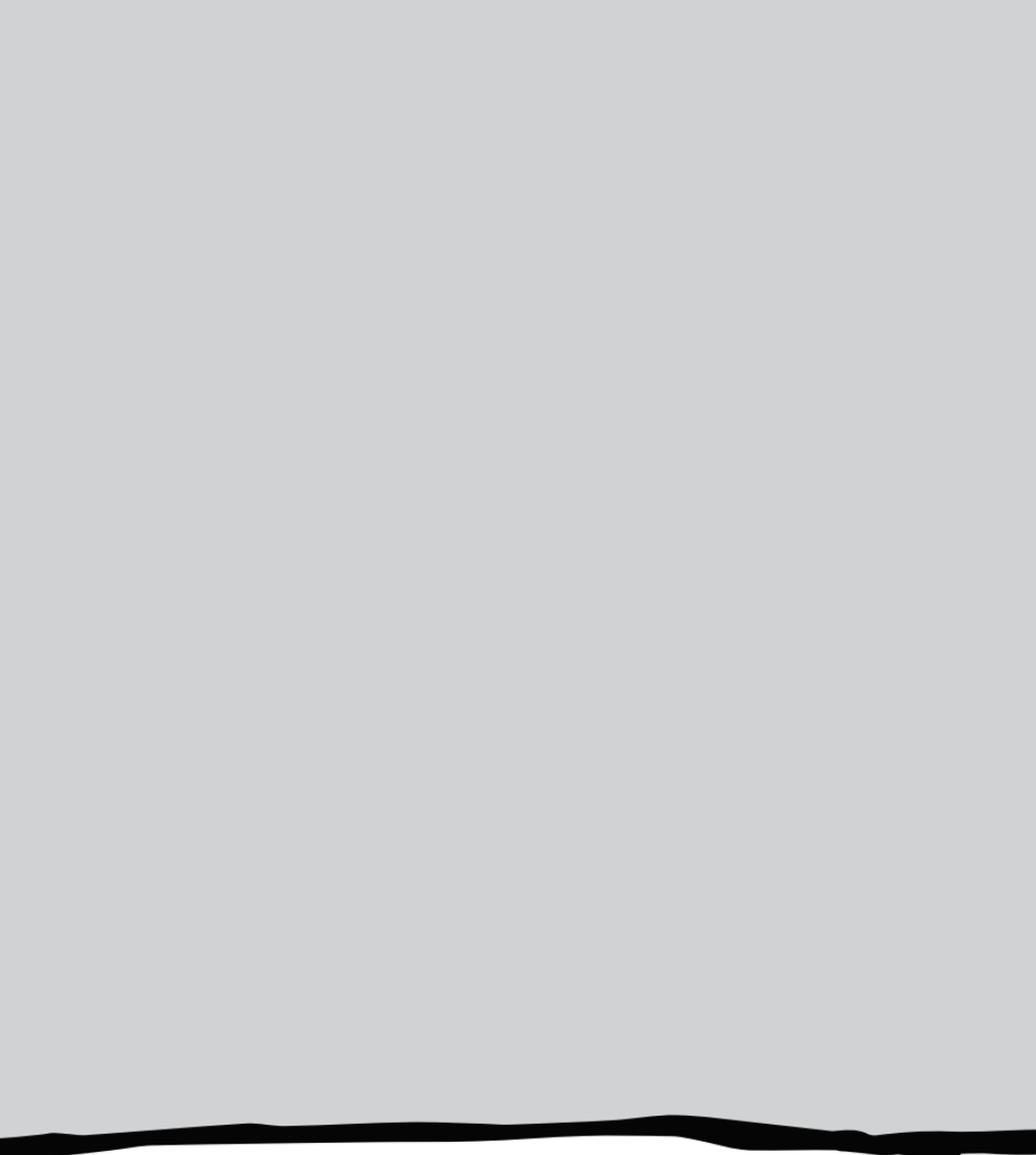
•••

poesia...
é aquele último aceno do que ficou
contido,
pois sabe que o que partiu
já não pode vê-lo.

e o menino
pensou tanto
que virou uma rocha.

casais apaixonados
fizeram piquenique
em cima dela.







4ª Parte: ()



o bode velho
deu tantas cabeçadas
que rachou-lhe o crânio
e morreu.

nasceram flores
de sua carcaça.





Agradecimentos especiais a Anna Gabriella por ter me apresentado o melhor da poesia, a Zenilda Lua por ter lido meus primeiros escritos e, indo contra o bom senso, me encorajou a continuar escrevendo, a Marcus Mazieri pela parceria, a Narany Mireya por existir, ao Bobby Baq por ser chato, ao seu Severino pelo carro de borboletas, aos parceiros da Casa Odara pelas trocas, ao Ian pelo vestido de pães em meio aos pombos da Sé, aos parceiros do Contém Poesia pelas descobertas, a todas as pessoas que trocaram emoções e abraços nos 02 anos de performances nas ruas e aos amigos e amigas e familiares e parceiros, que por falta de espaço e memória não cito o nome, mas que contribuíram para esse livro.













Gabriel Augusto nasceu em 1990 na cidade de São José dos Campos/SP. É das artes da performance, poeta, ator e toca acordeon. Publica os devaneios que considera artístico na página *fb.com/contempoesia*.

este livro foi impresso
com as fonts American Typewriter,
Oranienbaum e Palatino Linotype
em papel LD Polen Bold 90 g/m²
pela gráfica psi7
em janeiro de 2017



contém
poesia



contém
poesia

perfil de homem

inexato

(des)cabido

no que mora no menino

curió à deriva nú(-)mundo cheio de ruas e presenças indizíveis

...devaneia...

sendo fluxo em meio aos *desfluxos contínuos* que o atravessam na velocidade dos *thempos* e *contra-thempos* a cada sol que se declara à incontáveis luas, nessa finitude da *ethern'idade d'exystir*.

perscrutador do avesso de silêncios faladores y dimensões sem dentro ou fora

vai pescando deles palavras, à miúde, peneirando pepitas-fractais dos dias, para compor sua simples, pequenina-gigante poesia.

mundo-homem-menino

menino-homem-mundo

homem-mundo-menino

com essa mania de ir moldando coisas tão já sabidas, fazendo-as no sentir, segredos com outros contornos.

Gabriel, in sorrateira despretensão, nos chama para falar-nos baixinho seus ecos poéticos.

...vamos?

Narany Mireya

ISBN 978-85-9224 14-0-7



9 788592 241407

patrocínio:



Fundação de Inovação Cultural



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
CULTURA